



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa de Bolado do Porto - Paço da Sousa
Vales do Correio para Cete - Preço 1000

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão - Tip. da Casa Nun'Alveres R. Santa Catarina, 828-Porto
Visado pela Comissão de Censura

NOTA DA QUINZENA

TANTAS crianças que se finam dos maus tratos da rua e dos caminhos! São vítimas de fome lenta. Tantas que nos morrem dela! Não é da que cá passam; é da que trazem. Assim se foram alguns em Miranda. Assim outros, em Paço de Sousa. O mal vem de longe. Vem do seio das Mães!

—Que tem você senhora Julia?
—Não tenho nada.
—Vejo-a assim não sei como?
—Em comendo alguma coisinha, fico bem!...
la ser Mãe dentro em pouco, a senhora Julia. Como esta, quantas?! Vem de longe, o mal. Vem do próprio ventre das mães. *Comendo fico bem.*
Presentemente, anda-se aqui na aldeia a vê-se apetrechamos o hospital, das coisas necessarias ao bem da população. Já se pediram e pediram, e pediram. Não temos esperanças, nem luzes de onde elas venham. São objectos caros. Outros que teem pretendido ou pretendem fazer algo de sério a bem da saúde destes seres, topam necessariamente com as mesmas dificuldades. Não há o entusiasmo. Não há o conhecimento. Não há a aflicção. Quem é que pensa? Quem é que suspeita da tragédia da criança das ruas?

Há dias, saia do Lar do Porto, manhasinha, e dou de cara com um rapaz encostadinho à porta. Passou ali a noite. Vinha de longe.

—Que queres tu?
—Leve-me prá Tutoria!
—Tão sósinho! Tão amargurado! Ele, que pela idade, deveria ser a doçura, espalhando e recebendo doçura! As lágrimas eram em bica. *Não quero ir pra casa; leve-me pra tutoria.*

Que vida! Que lares! Crianças a pagarem dividas que não fizeram e nós não queremos pagar o que lhes devemos! Quem se importa a sério? Eles são tantos e andam tão sujos e comem tais coisas em tais lugares, que a gente parece ter acabado por se convencer que não sentem nem tem as nossas necessidades!

E se aparece alguém debaixo do sol que nos alumia, a fazer um hospital, com desejos de o apetrechar, tem de cingir muito ao peito os pequeninos que ama, e chorar a cegueira dos tempos. Mais nada. Ora isto vem a proposito do hotelzinho pra cães, na capital do reino.

Eu cá não sou contra os cães. Temos em casa o Nero e o Marão e o Top. Não dou licença que ninguém seja mais amigo deles do que eu. Pena tenho de chegar sempre tarde, quando lhes vou botar uma codêa; a malta já o tem feito! Sim. Não sou contra os cães. Não se me dava até ser inscrito como amigo da sociedade protectora dos animais. Não é pois dos cães que falo. É dos homens. É dos senhores mais das senhoras. Pra tudo há comissões reguladoras, só pra luxo é que não! O Amor é dado ao nosso semelhante. Semelhante pela alma espiritual. É precisamente nisso e por isso que todos somos semelhantes a Deus. *O Verbo de Deus fez-se carne.* Aqui começa a cartilha do verdadeiro amor. Fêz-se o que não era, sem jamais deixar de ser o que é.

Depois de haveres lido estas regras, não choras de arrependimento? Não extremas, ainda, o amor aos Homens da amizade pelos animais? Não? Não? E's infeliz!

VENDA DO PERIÓDICO

Assombrosa. Simplesmente assombrosa! E acréscimos? E assinantes? E venda do livro? Do primeiro, entregaram mil e quatro escudos e setenta centavos. Do segundo, quatro centos e noventa e cinco escudos, além do nome de assinantes que não pagaram. A gente não desconfia. Se não pagam eles, pagam outros. O que importa é lêr. Do terceiro, duas notas de cem. Da venda propriamente dita, dois mil e noventa e seis escudos, que tantos foram os números despachados. O espirito dos vendedores, continua sem desfalecimentos. A não ser umas pequenas rixas que surgem aqui e além, por causa dos lugares de venda, o mais, tudo gira. E' zêlo, já se vê. Cada um procura vender mais do que o outro, e muito naturalmente trata de lhe invadir o território conquistado. Já tem havido ameaças, sim, mas sangue a escorrêr, ainda não senhor. Quando fôr, eu digo. A camisola amarela, passou e anda agora no Carlos Inácio. Veremos até quando. Prá venda do livro, ainda cá não veio nenhum da força do Oscar. Aquilo é que é! Muito há-de êle chatear os senhores!

O Carlos Inácio trouxe uma novidade: foi um senhor que lhe dissera bem do jornal.

Diz lá a fulano que este é o melhor jornal do mundo. Diz-lhe que a gente começa e acaba e torna a começar e torna a acabar e nunca se farta de lêr.

—Mas quem é o senhor?

—Não sei. Ele é um senhor da rua de Santo António.

Eu acredito no que o senhor diz. O senhor da rua de Santo António. Acredito sim senhor. Há só uma diferença. E' que o Gaiato não é um jornal. Chama-se-lhe assim. Leva as mesmas voltas. Vai à censura — tudo como se o fôra. Mas não é.

E' a imitação dos primeiros cristãos. Como eles eram. Como pensavam. O que diziam. Tudo vem nesta selecta. Ora como os cristãosinhos de agora pensam e dizem de outra maneira, leem de ponta a ponta, tornam a lêr e choram com pena de não os imitar. Pois que o façam!

Muito estimo que o Carlos Inácio não deixe por mãos alheias a camisola amarela.

O Carlos Inácio é *pastelão*. E' o que serve à mesa dos *senhores*. Ontem houve aqui grande *matinada*, quando êle assoma no refeitório, com uma travessa. *Olhei*. Era um pastelão que os cozinheiros fizeram. *Olha*, é o *pastelão com um pastelão*. Ai! os *ovidos* da gente!

Carlos Inácio serve em roda. Volta segunda vez.

—Coma.

—Não quero mais.

—Ande. Foi o Constantino que fez.

—Já te disse. Não quero mais?

—Então não gosta de mim?

SILENCIO

Uma dedicatória ao livro amargo daquela Família de ao pé de Viana, que perdeu os filhos e os haveres num incendio, como vinha nos diários.

Um médico e sua esposa. Gente necessariamente de altos e delicados sentimentos. Como não amariam seus filhos!

Hoje, na capela da nossa aldeia, celebrou-se por Eles. Choremos todos, se verdadeiramente somos cristãos. Senhor, que eles vejam! Que compreendam! Que não desanimem!

Assim se fazem festas de Caridade.



Dois galantes em seu palácio? Não. E' o Carlos de Tábua hoje empregado no Porto, mai-lo Pepe, ferreiro da aldeia. O primeiro, andava ós tostões no Barreiro e arredores. O segundo, dormia nas carruagens do Entroncamento e no inverno, encostava-se às caldeiras, por frio. A Casa do Gaiato, pagou-lhes o que o mundo lhes devia.



Quem não trabalha não come. Eis a nossa divisa que todos aqui em casa compreendem e praticam. E' o Prata. O António Prata, quando era o chefe de copa aqui na aldeia, e hoje é um empregado da Camisolandia. Era também da classe dos do tostãozinho. Todos eles são. Quem não fôr, não tem aqui entrada.

MIRANTE DE COIMBRA



Comunicação

Na última linha do relatório de Paço de Sousa recebi com surpresa, a incumbência de alinhar o relatório da casa de Miranda. A que título?— pergunto a mim mesmo. Nesta Obra de Rapazes, repugna o nome de director. Assistente também não é exacto, porque a minha ausência vai além de cento e cinquenta dias no ano. Tenho andado para aí a girar constantemente no serviço da Obra, sem pergaminhos, sem rótulo, sem fim de mês, sem cabedais, mas a última linha vem resolver a dificuldade—sou *pontífice*. Sinto-me atropelado com tal letra redonda, mas está certo. Pontífice é aquele que faz de ponte. A minha vida tem sido de facto uma ponte que liga o mundo da rua ao outro mundo da *Obra*, por cima do mar negro, da negra miséria. E, como toda a ponte, tenho que *escorar*, dar passagem, gemer e ficar no mesmo ponto.

Aguenta que eu faço o mesmo, é a frequente ordem do dia.

Pois, meus senhores, aqui estou mais uma vez ao serviço de ponte, quem não quiser contemplar mude de agulha.

Depois de falar de mim, vamos então ao relatório da Casa que em 1940 foi baptizada com o nome ritmico de Casa do Repouso — do Gaiato Pobre, mas que, desde a primeira hora tem sido e será casa de trabalhos.

Do estado maior não há senão que tecer elogios. O *Senhor Professor* é pau para toda a colher. Desde os artigos da gramática aos de primeira necessidade do estômago, todos lhe passam pelas mãos. Vem a *Senhora* (mãe, lhe chamam os mais pequeninos) e pede: *Snr. Professor deixe ver 20\$ para as sardinhas*. Vem o Camilo e acusa — *Snr. Professor, o Zé Carlos fez mal a obrigação dele*. Vem o Zé Carlos e protesta—*Snr. Professor o Zé das Bolas comeu o fermento todo da boroa*. Vem o Zé das bolas e clama que o *caólho* lhe fez um galo. Também eu o martirizo constantemente — *olhe o requerimento para a Conservatória, olhe as senhas do racionamento, olhe o azeite que se acabou etc. etc.* Insubstituível, este senhor professor. E depois de tanto trabalho ouço dizer que vai para o Brasil porque o ordenado lhe não dá para constituir família. E' pena... Vem a seguir a *Senhora* que percorre quilómetros e quilómetros por dia atrás dos ajudantes. E' para que o cosinheiro não deixe ir o fogão abaixo; é para que a louça fique bem lavada; é para que as couves venham da horta; é para que os pratos e travessas não vão todos parar ao *cemitério dos cacos*, é para que as camas fiquem bem feitas, o soalho varrido etc. etc. — isto durante os 365 dias, sem férias, sem retribuição, só com a paga do Evangelho. Há por aí milhares de senhoras que admiram a *Obra* e lhe dão um pouco do seu dinheiro, mas dar-se a si mesma de alma e coração às crianças perdidas da rua! — só está!

Do *chefe* falaremos noutra ocasião. Depois das últimas eleições este lugar tornou-se o mais importante da casa. Está bem preenchido.

Vamos finalmente à parte mais interessante do relatório—o rendimento social da casa. Falam apenas os números para não encher de nomes o espaço vital do célebre quinzénario. A lotação razoável da casa seria de 25 gaiatos mas como a lotação da rua está triplicada e tende a multiplicar, isto obriga-nos a duplicar também a nossa — são quarenta e cinco. O espaço vital está completamente saturado. Dos 45 com que começou o ano de 1946 *três* foram colocados no Porto, ao abrigo do respectivo Lar. Estão mais com o pé no estribo para seguirem o mesmo rumo.

Dois trabalham em Miranda já com uma retribuição razoável, mas ao abrigo da casa; *quatro* trabalham na *obra* com um ordenado fixo, com que se bastam a si mesmos; *dois* estão no estudo, na Figueira da Foz; *cinco* foram entregues às respectivas famílias e, segundo notícias recentes, sei que estão empregados; *três* foram arredados por anormais, finalmente *dois* fugiram e não voltaram ainda. Perderam-se. Temos portanto dezasseis rapazes arrancados à vadiagem, a ganharem o pão com o suor do seu rosto e vinte e quatro, ainda miúdos, em formação.

E' muito? é pouco? Bastava que um só se salvasse para darmos por bem empregados os sacrifícios feitos e os muitos milhares de escudos gastos.

Contas não contam. **ADRIANO**

Saiu daqui agora mesmo a Mãe do pequenino que nos morreu há pouco tempo. Não tem ares de ser Mãe que abandone filhos, pelo muito que chorou e pelas prendas que lhe trazia! Quiz e foi ver a campa, na companhia do *Periquito*.

Noticias da Casa de Miranda

por Carlos Veloso da Rocha

Veio cá há dias o Senhor Inspector da Assistência visitar a nossa casa. Veio no domingo à noite e foi no dia seguinte à tarde. Visitou tudo e perguntou muita coisa. Parece que ia bem disposto. Vamos a ver se ele consegue alguma ajuda de Lisboa para a nossa casa.

O *Bucha* foi à vila buscar o correio. Como ia com frio o Snr. Mamede comprou-lhe umas tamancas. Na Lousã também lhe deram uma gabardine de borracha. Quando vai a Coimbra vender o Gaiato sai sempre no Calhabé porque é lá a venda dele. Uma senhora dá-lhe sempre o almoço até atestar. Na rua Antero Quental a dona duma Pensão dá sempre o almoço a um Gaiato que vai vender o jornal. Já arranjou uns poucos de assinantes. Os que vão vender à Lousã têm sempre a sorte de encontrar o Snr. Danilo que lhes compra o jornal e os leva e traz na camioneta. Duma vez foi um Senhor Engenheiro da Companhia Eléctrica que lhes prometeu trazê-los no automóvel dele e mandou os esperar ao pé do Escritório. Já vinha a caminho quando se lembra deles e voltou atrás buscá-los. O *fala-barato* quando foi à vila vender teve uma freguesa que estava a embarcar na automotora que lhe deu 50\$00 por um Gaiato.

Chegou mais um miúdo de novo. E' o mais pequenino mas é espertito. Volta e meia está molhado e tem de mudar de calças. Muda mais de três vezes ao dia. Agora veio ter com o Sr. Padre Adriano todo contente: olha eu hoje não fiz xi-xi nas calças. A mãe mora aqui perto, mas éle não quer ir para ela. Farta-se de gritar quando lhe dizem que o vão levar à mãe. Era porque passava fome, e estava fechado no curral.

Do que nós necessitamos

Mais 100\$00 por carta. Mais roupas do Porto. Mais idem idem. Mais no comboio um senhor que vem por trás e mete-me duas notas na mão, à falsa fé! Mais azeite. Azeite de Lamego. Já são dois a falar, daquela região.

Agora o que a gente precisa, é de quem olhe a sério para o nosso hospital. O edificio está pronto de raiz. Está um brinco. Espelha de branquinho. Doentes também há,—e que doentes! Queremos uma bolada para tudo quanto é dado a uma casa destas, numa obra destas.

Já se mandaram vir doze camas completas com doze mesinhas de cabeceira, mais duas para o centro das enfermarias. Vieram de Avanca. O Fabricante espera. Não saca. Ele bem sabe que eu não tenho algibeira. Tu é que sim.

Se o mundo andasse apumadinho, eu é que devia ser perguntado acerca das quantias necessárias e nunca andar eu a perguntá-las. Assim é que devia ser. Mais 20\$00. Mais 50\$00. Mais 20\$00, e mais nada.

Este numero de

“O GAIATO” — foi Visado pela Comissão de Censura do Porto.

UMA CARTA

Não é exagero nenhum se disser que, em todo o concelho de Penafiel, não há ninguém, ninguém, que receba tantas cartas como se recebem aqui, na Casa do Gaiato.

Ainda o do Correio vem longe, e já oiço a voz dele: *hoje é que é. O povo lá na loja está todo admirado!*

E o rapaz, todo contente, alinha as cartas sobre a mesa: *olhe pra isto*, e informa: *agora vou buscar encomendas*. Nunca tal se viu em Portugal! Ele do estrangeiro. Ele das colónias. Ele das provincias. Ele de católicos, de protestantes, de judeus. Socialistas, monárquicos, comunistas.

Todos os credos, todas as cores, todas as políticas!

Eis uma delas:

Pena é não poder dispôr de mais, pois o meu desejo seria ajudar essa «grande obra». E' lamentável que nem todos assim pensem. Se «doutores e engenheiros» em vez de olharem através dos muros, tivessem transposto o portão, teriam verificado que em vez de leprosos, encontravam miraculados. Como se deve sentir, de ainda haver pessoas que compreendam tão mal a sua grandiosa obra! Todos nós, lhe devíamos estar gratos, pois, não são só os seus Gaiatos os beneficiados; toda a sociedade o é.

Cá em casa o «Gaiato» é intimamente lido. E' através dele que conheço os seus Gaiatos, as belezas da Aldeia com as suas admiráveis desordens!...

Sim. *Miraculados*. O milagre do Evangelho.

Por muito zelar o seu real corpo, os homens de agora esquecem a alma. O mundo de agora não tem alma. Quando eu vou à capital é que vejo,—e o *melhor* não se vê...!

Ali pelo Chiado abaixo à hora do refulgir! Papeis a marcar preços de um rôr, colados nas montras, sobre farrapos de adôrno! Eu nem digo, por vergonha! Se todos estivessem remediados, vá lá. Cada um governa no que é seu. Mas tantos, tantos, tantos sem nada! A maioria sem nada!

Teria passado pelas ruas de Lisboa a Virgem Mãe de Jesus? Do pobre de Nazaré! Do Homem Crucificado! Teria?

Miraculados, sim. Como gosto desta palavra, nesta carta de hoje!

Estava escondida dentro de uma alma. Foi a leitura de *O Gaiato* que a pôz cá fora! Sim. Miraculados por amor. O amor cura e a lepra cai.

Tem graça, que todos sentem a mesma coisa, embora digam que não! Um moço judeu praticante, veio há dias ter comigo. O partido comunista manda-me o *Avante*. Protestantes, não se fala. Incrédulos, são aos montes. O reino de Deus está dentro dos homens!

VISITANTES

Veio aqui ontem uma excursão de Estudantes do Porto. Dizemos do Porto porque é naquela cidade que eles estudam, mas cada um era de sua terra. Das mais distantes provincias do país. Eram montes deles. Comeram no nosso refeitório, imediatamente a seguir à tropa da casa. Foi pão de milho amarelo cosido ontem pelo Rio Tinto, foi vinho por infusas de barro vidrado, foi caldo de couves e foi bacalhau a fingir gomes de sá. Era um refeitório à cunha. Havia mesas só de engenheiros. Outras só de médicos. Vieram alguns dos nossos do Lar do Porto, de propósito para servir os senhores doutores. Foi o dia prá romaria. A confraternização com os nossos, era total. Os cicerones, naquele dia, eram todos. Andava a aldeia cheia de grupos de estudantes, cada um com seu cicerone.

Abriam os seus tesoiros, estes simpáticos moços. Aos gaiatos deram o coração, que é a parte melhor do homem. A mim, para a obra, deram-me um rôlo de notas e um punhado de moedas.

Se continuarmos a escolher entre os intelectuais, como se espera, os governantes da nação, pode muito bem acontecer, que tivessem estado cá, naquele dia, alguns Governantes da Nação. Pois que esses recordem, então o que viram com seus olhos, o que ouviram com seus ouvidos —e que ao depois governem. Amen.

Assinaturas pagas Mais uma carta

DADO o recado acêrca dos vales, os quais devem ser todos feitos a pagar em Cête, todos, todos, todos, vamos hoje fazer novo pedido aos nossos devotados leitores. Antes, porém, de o fazer, quero aqui deixar dito que também nas estações dos C. T. T. há meninos ou meninas teimosos. Assim vinha a dizer a carta de um assinante, que manda o vale pagavel em Penafiel porque, diz ele, a menina dos correios lhe dissera e ateimara que Cête não paga vales!

—Olhe que paga.

—Não paga não senhor!

São meninas e está tudo dito!

Ora muito bem. O que hoje se pretende é informar que o nosso serviço de identificação de nomes seria muito facil se cada um, ao pagar, mandasse a propria cinta do jornal. Ora assim é que era bem. Muitas vezes, nem sequer vem o primeiro nome; o nome do batismo. Vem sómente a letra inicial. Desta sorte, quem pode? Para desordem basta a que vai cá por casa, desde o nascer ó pôr do sol, e pela noite fóra. Sim. Essa basta. Não venham agora os senhores assinantes causar mais desordem à gente! Ora vamos lá. Eu acho que todos devem aos gaiatos. Eles dobram. Eles subscritam. Eles emmassam. Eles levam ó Correio. Eles escrevem crônicas. Sim. Todos os leitores lhes devem. Pois que paguem. Façam também alguma coisinha.

Eugénia Amaral, Africa Oriental-Baira, 20\$; Celeste Faria, Africa Lourenço Marques, 20\$; Manuel Varela Teles, Aviz, 25\$; Empregados da Socony Vacuum Oil C.ª Porto—1 mês, 50\$.

Ana Pinto da Silva, Porto, 20\$00; Padre José António Moreira de Sousa, Vila Cova de Carros-Paredes, 50\$00; Abel Ribeiro da Silva, Baltar, 20\$; Dr. Juiz Luis Filipe Monteiro Pacheco, Bitarães-Paredes, 50\$; Humberto Dias de Almeida, Porto, 100\$; Rodrigo Costa Porto, 50\$; Abel Festas Cancela d'Abreu, Lisboa, 100\$; Liberto Grachal Bastos, Porto, 50\$; Manuel Dias Nogueira, Porto, 30\$; Teresa Barroão, Gandra-Baltar, 10\$; Casa de S. José, Porto, 500\$; António Candido Taboado, Vila-Real, 60\$; Abílio Matos Salvador, Lisboa, 40\$; Albino Francisco Ribeiro, S. Pedro da Cova, 20\$; José da Sena Esteves, Castelo Branco, 30\$; Maria Antónia Sena Belo, Idanha-a-Nova, 30\$; Otilia Ventura (2 meses), Estoril, 10\$; Maria Henriqueta Guedes Carneiro Giraldes, Penafiel, 50\$; Maria Antónia Martins Ferreira, Coimbra, 25\$; Justina Martins, Mogadouro, 40\$; Dr. Celestino Esteves Almeida, Viseu, 50\$; Dr. António Labreiro Villa Lobos, Montemor-o-Novo, 150\$; Luis F. 20\$; Delfim Pereira dos Santos (2 anos), 100\$; Casimiro Rodrigues, 50\$; Francisco Ferreira, 30\$; Alberto José Mendonça (2 anos), 50\$; João Silva, 50\$; António Cosinho, 20\$, todos do Porto.

José dos Santos Cravena, Lisboa, 30\$; Abílio Simões da Silva, Lisboa, 100\$; João Manuel da Fonseca, Vila-Verde, 30\$; Anibal Lopes Coelho de Sousa, Moreira-Celorigo de Basto, 35\$; Menina Maria Júlia de Ceuta Carvalho, Languinhal-Bombarral, 60\$; José Duarte Oliveira Santos, Raiva-Penacova, 30\$; Pedrosa e Comp.ª L da (1 mês), 100\$; António de Matos Botelho (1 mês), 10\$; Estêvão Fernandes Espinha (1 mês), 20\$; Dr. Arnaldo Correia (1 mês), 10\$; Jorge dos Santos Sobral (1 mês), 10\$; Capitão Carlos Raúl Camacho (1 mês), 10\$; Alvaro António Lopes (1 mês), 20\$; José Pedro Aparicio (1 mês), 10\$; João Ricardo Rodrigues (1 mês), 20\$; Alípio Augusto Gomes Cardoso (1 mês), 20\$; Alferes Gaspar da Costa (1 mês), 20\$, todos de Angola-Sá da Bandeira.

D. Antónia Saraiva de Aguiar, Freixo de Numão, 20\$; D. Maria da Purificação Lacerda, Mêda-Prova, 20\$; D. Maria Carlota, Porto, 100\$; Padre Custódio Marinho, Lixa-Freixo de Cima, 30\$.

Jorge Pereira da Silva Reis, Vila Nova de Famalicão, 50\$; Luisa Furtado, Coimbra, 100\$; Luisa Nunes Malta, 50\$; João Baptista Reis Malta, 50\$; António M. Villas Boas, 50\$; todos de Montemor-o-Novo. Francisco da Costa Pinto Coelho, Lisboa, 100\$; Dr. Fernando Carvalho, Covilhã, 500\$; Hilário Carvalho, Famalicão, 50\$; Eugénio Lopes Rosa, Faro, 100\$; Padre Carlos Martins, Sabugal-Vale de Espinho, 20\$; Agostinho Marques Antunes Lagares da Baira, 50\$; Abílio Amaral, Riodades-Tabuaco, 50\$; António Peixoto Júnior—2 meses—Braga, 10\$; Félix António Moura—2 meses—Braga, 10\$; D. Maria Luísa de Queiroz e Melo de Lamos, Ferreira do Zezere-Frazoeira, 20\$; Maria Teresa da Costa, Aveiro Serpins, 25\$; Olálio Figueira, Coimbra, 20\$; Maria Leonor Osório Pereira Vilhena, Lamêgo, 30\$; Guilhermina C. Lopes Dias Ferreira, Lisboa, 100\$; Família Andrade Ventura, Lisboa, 50\$; António Alves Ribeiro, Calorigo de Basto, 25\$; José Pires Pereira,

2 anos—Porto, 50\$; Padre Manuel de Oliveira, Ave-lãs de Caminha, 20\$; José Moraes David, Lisboa, 50\$; Marieta de Castel-Branco Ramos, Lagôa-Algarve, 50\$; Maria Chaves, Matozinhos, 20\$; Maria Rosa Henriques Galiano, Teixoso, 20\$; Padre Manuel Fernandes da Silva, Alvôco de Varzeas-Oliveira do Hospital, 20\$; Elisa dos Anjos Dias da Cunha, Caramos-Felgueiras, 20\$; Menina Maria dos Anjos Leça, Matozinhos-Esmoriz 40\$; Manuela Maria Tavares da Silva, Luanda-Angola, 100\$; Maria Rêgo, Porto, 20\$; Claudina Querard Brás, Porto, 25\$; Amélia Belo, Lisboa, 25\$; Maria Celina Marques da Silva, Leça da Palmeira, 20\$; Manuel Emilio da Conceição Lourenço, Lisboa, 50\$; Palmira Alves Pessoa Neves, Coimbra-Pocariça, 50\$; José Teixeira de Magalhães, Porto, 25\$; Adelaide Rôla, Porto, 20\$; Padre Augusto César de Carvalho, Ribeira de Pena, 20\$; Maria Cândida de Carvalho, Rival-Ribeira de Pena, 20\$; Albano Marques Nunes, Oeste-Delgada-Bombarral-Paúl, 20\$; José Lucas de Carvalho Sanguinhal-Bombarral, 20\$; Maria Carolina Mendonça Macêdo Pinto, Foz-do-Douro, 24\$; José Bastos Henriques, Porto, 100\$; Padre José da Costa Duarte, Atães-Guimarães, 25\$; Padre João de Oliveira, S. Romão de Mesão-Frio-Belos-Ares-Guimarães, 25\$; Menino José Rodrigues Sales, Matozinhos, 120\$; Isabel Figueiredo, Coimbra, 40\$00.

Victor Macêdo Pinto, Foz do Douro, 50\$; António de Melo Alvim (2 anos), Porto 100\$; Maria do Carmo Tudela, Foz do Douro, 25\$; Padre José da Cruz Ventura, Figueira da Foz-Lavos, 60\$; Ivone de Serpa Viana (1 mês), Moura, 10\$; Maria Ferreira de Sousa Antunes, Vila do Conde, 40\$; Constança Rodrigues, Foz do Douro, 24\$; Sofia d'Agrela, Lisboa, 30\$; F. Luis Matos, Brasil-Rio de Janeiro, 50\$; José Reis Pereira, Porto, 25\$; Maria Cerna Ribeiro Azeosa, Pontênel, 25\$; Maria José Proença Simões, Pontênel, 25\$; José Leite Rodrigues, Porto, 100\$; José Cabral de Matos, Porto, 20\$; José Fernando Rivera Martins de Carvalho, Estoril, 20\$; D. Maria Teresa Martins de Carvalho (2 anos), Estoril, 40\$; D. Maria da Conceição Rivera Duran (2 anos), Estoril, 40\$; Josefa Seixas, Pinhel, 50\$; Elmano Moutinho, Cocujães, 37\$5; Melchior Elisio Gonçalves, Porto, 20\$; Maria Luíza Castro Lopes, Porto, 30\$; Alice Ribeiro Henriques-Guirado-Salir de Matos-Caldas da Rainha, 30\$; Padre Manuel Rodrigues Vieira Pinto, Esmoriz, 20\$; Padre Aires César Pinto Rodrigues de Amorim, Esmoriz, 20\$; Dr. António Ferreira de Sá, Esmoriz, 20\$; Dr. Manuel Maciel Araújo de Pinho, Esmoriz, 20\$; Professor Manuel Marques de Sá, Esmoriz, 20\$; Vitória Romeira, Esmoriz, 20\$; Joaquim Pinto Ferreira, Castanheiros-Esmoriz, 20\$; Manuel Dias Candal, Esmoriz, 20\$; Joaquim Marques da Silva Rôla, Lugar da Igreja-Esmoriz, 20\$; Maria da Conceição Oliveira, Torre-Esmoriz, 20\$; Georgina Marques, Castanheiros-Esmoriz, 20\$; Francisco da Silva, Lugar de Matozinhos-Esmoriz, 20\$; Lino da Costa Lemos, Esmoriz, 20\$; Augusto Ferreira da Silva, Estação-Esmoriz, 20\$; Carlos Loureiro, Carela-Esmoriz, 20\$; Viúva de Augusto da Silva Reis, Esmoriz, 20\$; Joaquim Ferreira da Silva Relvas, Castanheiros-Esmoriz, 20\$; Manuel Marques da Silva, Castanheiros-Esmoriz, 100\$; Manuel Valente dos Santos, Esmoriz, 25\$; Agostinho Valente, 25\$; Manuel Joaquim Pinto de Sá Ferreira, Esmoriz, 25\$; Valentim de Sousa Marques, Esmoriz, 25\$; António Candal (6 meses), Castanheiros-Esmoriz, 10\$; Manuel Fernandes, Lugar de Matozinhos-Esmoriz, 20\$; Luis de Sá Ramalho, Esmoriz, 50\$; Manuel Ferreira da Silva, Relva-Boavista-Esmoriz, 10\$; Joaquim Ferreira, Serviço-Paços de Brandão, 30\$; José Manuel Raposo, Porto, 20\$; Manuel Cotrim, Porto, 100\$; Cónego Dr. Francisco Correia Pinto, Porto, 50\$; Georgina Baptista Silva (6 meses), Lisboa, 20\$; Professora Silvia Maria M. Jacome, Macieira de Sarnes-S. J. da Madeira, 20\$; Maria Armandina Bóavida Roque (2 anos), Lisboa, 70\$; David Nunes (4 meses), Lisboa, 50\$; Albertina Eélix da Costa (2 anos), Porto, 100\$; Constantino Pereira de Almeida, Vila Real, 50\$; Alvaro Barbosa Pereira, Parada-Cête, 25\$; Odette L. Ribeiro Leal de Faria, Lisboa, 50\$; Cónego Francisco Alexandrino Duarte de Miranda, Sarzedas, 50\$; Maria de Nazaré Torres Garcia, Vila Nova de Ceira, 20\$; Maria Manuela d'Azevedo Sá Coutinho Ruel, Amares, 20\$; Manuel Maria de Oliveira Barros, Porto, 100\$; José de Almeida Sobral, Vila Nova de Gaia, 50\$; Manuel da Silva Correia, Porto, 50\$; Maria Vieira Ferreira, E-pozende, 40\$; Maria Cândida de Carvalho, Ruival-Ribeira de Pena, 25\$; Padre Augusto César de Carvalho, Salvador-Ribeira de Pena, 25\$; João Lemos de Figueiredo, Viseu, 50\$; Henrique de Oliveira-Delegado Escolar, Espinho, 30\$; João Gabriel Holbeche Ferreira Mateus, Praia da Aguda-Granja, 50\$; Rui Pimenta de Aguiar, Lisboa, 20\$; Maria Luísa Salema, Lobito-Angola 20\$; Maria Suzana Pinheiro Cruz Fazenda, Coimbra, 100\$; Júlio Leite Pinheiro, Sofala-Beira, 200\$; Manuel de Gouveia Osório, Castendo-Vila Mendos dos Valles, 30\$; Francisco de Gouveia Osório e Melo, Castendo-Leira

Com as nossas desculpas por só agora satisfazermos o pagamento do segundo ano de assinatura do seu simpático jornal, enviamos juntamente, na presente carta, a quantia de 20\$00 pedindo o favor de nos continuar enviando o jornal que todos lemos com visível interesse e, por vezes, com sentido prazer espiritual: O Gaiato!

Pedimos-lhe que nos desculpe ser tão modesta a quantia que enviamos, mas dado que quase todos nesta enfermaria somos pobres e alguns até indigentes, só aos tostões conseguimos amearhar o nosso pequeno tributo, manifestando assim a sincera boa vontade que nos anima e a admiração e simpatia que sentimos por todo o seu abençoado trabalho apostólico levado a efeito em louvor de Deus.

Seguindo, pois, com vivo interesse e crescente entusiasmo a evolução da Obra com que Deus o sobrecarregou, não o poderíamos esquecer nas nossas pobres orações e, assim, após o terço rezado em comum, há sempre uma prece pelo P.º Américo, pelos seus rapazes, pelas prosperidades da sua Obra.

Aqui há tempos, entre muitas que se recebem, vinha uma carta, que começava por tecer elogios à minha célebre pessoa e terminava por dizer o que se pretendia. Era de um angariador de anúncios. Ele propunha trabalhar nesse sentido e presumia resultados faustosos, dada a espantosa procura do jornal. Ora eu tenho que a *espantosa procura do jornal*, é justamente por não trazer anúncios. Quem tem o paladar afeito às coisas divinas, como pode tolerar o sabôr das humanas?! Quantos não viriam aqui deitar ao chão a mesa dos anúncios, como fez outrora, no Templo, às dos mercadores, Jesus de Nazaré—quantos!

Que havia eu de fazer a cartas como esta, se ocupasse o espaço com anúncios? Receita pró jornal? A gente tem outras fontes! Não. Não senhor. Tenho propôsto a mim mesmo ser sempre e sómente um fiel dispensário dos bens celestes. Assim Deus me ajude.

Esta carta é um compêndio de Teologia. É dos Doentes de Outão. Está ali a Pobreza; *mealhar aos tostões*. Está ali a comunicação dos santos; *uma prece pelos seus rapazes*. Está ali o sentido divino da Cruz; *a Obra com que Deus o sobrecarregou*.

Sim, meus irmãos do sanatório, de todos os sanatórios; Deus esconde estas coisas aos soberbos e revela-os aos humildes.

Chorei de contente ao saber da prece em comum, ai, *pelo P.º Américo e pelos seus rapazes*. Que essa prece tenha mão em mim!

Grande, 30\$; Maria dos Prazeres de Gouveia Osório e Melo, Estarreja-Veiros, 40\$; Engenheiro Eurico Teixeira de Sousa, Lisboa, 50\$; Capitão Adelino dos Santos, Espinho, 20\$; José Abeijón Mora, Matozinhos, 50\$; Padre António Bento da Guia, Moimenta da Beira, 50\$; Zalmira Roma Torres, Viana do Castelo, 25\$; Maria Helena Caravana Lamas de Oliveira, Espinho, 50\$; Capitulina Pereira Couto, Lisboa, 50\$; Bernardino José Vale, Santo Tirso, 50\$; Luis Alves Coutinho, Porto, 30\$; Maria Augusta Martins, Lisboa, 20\$; Benjamim Jorge dos Santos Moreira, Gaia, 25\$; Padre Manuel Pereira da Silva, Cova da Iria-Fátima, 100\$; Dr. Luis Cabral Adão, Setúbal, 40\$; Maria Violeta Lopes Alves (6 meses), Portalegre, 12\$; Leonil Ferreira Antunes, Lisboa, 150\$; Maria Adelaide Menezes Craveiro, Gondomar, 30\$; Mário Coelho de Menezes, Lamego, 20\$; Maria da Conceição Neves, Alvaizere, 20\$; Emília da Silva Trovão, Coimbra, 50\$; Dr. Juiz José Perestrelo Botelho, Coimbra, 20\$; Padre Virgílio Martins da Cunha, Coimbra, 50\$; Padre António Lourenço Amorim, Aveiro, 20\$; Silvério Lopes, Ferreira do Zêzere, 20\$; Ascensão Fonseca Joaquim, Jefferson-St. Newark-N. J.-U. S. A., 50\$; Maria Madalena dos Santos, Porto, 25\$; Maria da Glória Mota Alves, Porto, 20\$; Maria Helena Moura Pinheiro, Rio Tinto, 50\$; Laurinda Moura, Viana do Castelo, 30\$; Helena Brauchini Niza da Silva, Lisboa, 20\$; Emilio Augusto Monteiro, Porto, 50\$; Professora Alice Brito, Souto-Sardoal, 20\$; Rosa da Costa, Coimbra, 25\$; Maria José Catela Florentino (2 anos), Aviz-Figueira, 50\$; Dr. José Paiva Boléo, Lisboa, 200\$; Conceição Arroz Antunes, Covilhã, 50\$; Julieta Leitão Antunes, Covilhã, 50\$; Dr. Eduardo da Costa Frias Júnior, Ermezinde, 50\$; Antónia Lucas de Brito Reis, Safara, 20\$; Alberto Mesquita, Ermezinde, 100\$; Dr. Manuel Avides Moreira (2 anos), Porto, 40\$; Isabel Maria Delgado Preto, Vila Chã-Miranda do Douro, 20\$; Joaquim Alberto da Silveira, Lisboa, 100\$

Isto é a Casa do Gaiato

FOI no dia 14 de Janeiro, como ficou assente na crônica dos nossos feitos. Foi à uma hora depois do meio dia. Convidamos os professores primários da terra; iam lançar a primeira pedra do edifício escolar da aldeia. Eles eram hospedes adequados. Estavam ao meio dia preciso. Estava, também, a comunidade. Jantou-se. Chefe deu ordens:

Ninguém sai do largo do cruzeiro. Ninguém saiu. Já se sabia do acontecimento. O que ninguém sabia era dos foguetes. Foguetes! Trez duzias dos de cinco stoirs, e meia duzia dos de nove ditos.

Os pedreiros tinham a pedra no lugar de onde havia de cair. Ao pé, à espera de ordens, estavam Pepe, serralheiro; António, carpinteiro; Fernando, camponês. O Gari vem-me pedir se podia tocar o sino. *Podes.* E agarrou-se imediatamente e fervorosamente à corda do sino da capela, que passou a ser há muito um cadeado de ferro, do mais forte que havia no Porto. As cordas não resistiam! Mal tinha começado o Gari, quando o José Francisco vem ter comigo: *Posso tocar a sineta do refeitório? Podes.* Pode sim senhor. Quando a hora é de barulho, quanto mais melhor! José Francisco é baixo de estatura. Sob a parede e em lugar de puxar pela corda, toma em suas mãos o badal da sineta, para assim ficar mais senhor do papel! Tocam agora os dois sinos. A pedra cai. Os foguetes sobem. Os rapazes deliram. As canas. As canas dos foguetes! Qual de nós não andou em pequeno às canas de foguetes? Eis de como se lançou a pedra primeira.

Se nós fazemos aqui na aldeia coisas tão bem feitas, não haverá fora dela quem nos queira acompanhar? Quem nos construa o edificio das escolas?

Nós, à nossa conta, resolvemos o problema mais importante. Somos a cantina. Damos de comer aos escolares. O edificio é o que menos custa. E' a parte que nós pedimos.

O dinheiro há-de vir. Vem. Se não fôr de Pedro é de Paulo. Sê tu Pedro. Goza as tuas riquezas com liberdade plena, à maneira filhos de Deus! Eu cá fico à espera.

O antigo Zé da Lenha, actual enfermeiro - ajudante, ainda não está de todo curado do costume de lambar as dietas. Não está. Foi o caso que ontem, segundo o testemunho de um doente, ao entrar na enfermaria com uma caneca de leite, disse assim: *Tu não queres pois não?* E sem esperar resposta do doente, bebeu-o todo. Todinho! Foi chamado a contas e disse que não tornava a fazer. O Zé da Lenha já foi muito pior. Ele lambia, dantes, tudo a todos, como aqui se tem dito. Agora, fá-lo só a alguns doentes e muito raras vezes. Não estou desanimado com o Zé da Lenha. E' uma fraqueza. E' a maior fraqueza da gente. Comer! Quantos poderosos e fortes não vivem no mundo unicamente para comer, e bem, - quantos. Quando se chega a terra estranha, com as algibeiras quentes, qual é a pergunta do estilo? *O senhor faz-me o favor de me dizer aonde é que se come aqui bem?* Quantos dos leitores não terão feito essa perguntinha! Até eu, que passo aos olhos do mundo por uma pessoa mortificada! Por isso estou contente com os progressos do Zé da Lenha.

EU ouvia dizer, de onde estava: *aqui está mais um. Olha mais outro.* Fui vêr do que se tratava. Era uma das nossas galinhas que fez ninheiro nas caves da casa III, aonde só se pode ir pelas gateiras. Um dos roupeiros viu a galinha a sair de lá. Espreitou. Viu os ovos, 11 deles. Foi por uma pá, chamou outros e agora, todos, retiram os ovos, conforme podem: *olha mais um.* Mas havia alguns, aos quais não podiam chegar com a dita pá. Que fazer. Os ovos não podiam lá ficar. Não senhor. Havemos de ir busca-los. Foi então que um deles se lembrou do Linhas. O Linhas de Casaldêlo. E' um

dos nossos enfezaditos, que não cede a nada. E' o Linhas. Foram busca-lo. Enfiaram-no pelo buraco. Ai veem os ovos! Oh! algazarra! Os ovos não são para eles. Nós não podemos dar ovos a todos, como faziamos dantes, quando eram em menor numero. Damos aos que precisam. Damos aos Linhas. Não são para eles, os ovos. Mas isso que importa? São ovos da Casa. São da comunidade. São nossos. Tanto basta para que seja alegria de todos o que chega só para poucos!

O exemplo é que ensina; não são os livros. Não são as teorias. Eles viram todos, há pouco tempo de como eu parti um bôlo rei em 145 fatias, *fatias*, para dar uma a cada um. A gente não guarda nada. Parte tudo, para todos. Eles veem. Aprendem. Fazem na mesma. Ora eis.

FALANDO de ovos e de galinhas, uma foi pôr um ovo na cama do Alfredo. Como gosto daquela galinha! Ele precisa tanto de ovos! Ele come quantos quer, como e aonde quer. O Alfredo, não tem obrigação, de doente que é. Pudera ter ficado com ele, mas não. Entregou na cozinha. Não quer nada para si. Entrega na comunidade. Estes casos; estas *storinhas*, como diz o outro, no Porto, são bombas atómicas no meio da sociedade de hoje. Assim os homens se deixassem ferir!

CHEGOU um garçô de Melgaço. E' simplesmente adorável pelo sorriso constante em seus lábios. Mandou-se para a turma dos do campo. Roça mato. Gosta de frequentar a escola. Tem saúde. Andava por lá. Há dias apanhou do Ernesto. Do Ernestito. O sangue começa a pingar do nariz. O vencedor, assustado, desata a chorar ao pé do vencido. - Cala-te praí. Eu fiquei pior e não choro. Um homem nunca chora. *Viva o Amandio!*

NÃO confundir este Amandio de Melgaço com o Amandio de cá, hoje colocado no Porto. Estive ontem no Lar do Porto. Amandio é quem mais coisas me conta. *Olhe que lindo.* Era um caxecol. Um caxecol que lhe tinham dado. Vai falar o Amandio: - Foi uma senhora que foi à Armazem levar mo. - Que senhora é? - Não conheço. - E' a senhora do relógio? - Não senhor. E' outra senhora. Ela às vezes encontra-me na Praça e começa a rir-se muito para mim.

- Tu não sabes quem é? - Pois não. Não sei. A's vezes choram, outras, riem na presença dos nossos, estes simpáticos desconhecidos. E' de alegria que o fazem. E' de contentes, pelos sabermos contentes. Dantes não era assim. Como podia ser, se eles andavam fugidos? Quem é que os havia de amar? Hoje não. Hoje o Porto é mais feliz. Tem mais ocasiões de chorar e de rir.

Pode dilatar o coração. Fazer perguntas. Dar. Sentir. Andar o amor pelas ruas! Oh! creança que és divina!

Hoje de manhã vinham trez dos estabulos com trez vazilhas de leite. Eram o Veiga, o Zé Ernesto mai-lo Daniel. Só falta o mel para ser aqui a segunda terra da promessa!

O Poeta tomou conta da desnatadeira e dá conta. As merendas são famosas. São que nem na *Ateneia*. Que digo? São melhores. Não temos cá materias corantes. Nada é fingido. São grandes fatias de boroa barradas de manteiga, tal qual. São as vizes alegres de um cento de rapazes - *ai que bom!* São os da classe do *Batata Nova*, cada um com seu pucaro de leite: *olha, eu tive mais!* Quem quizer que venha ver.

Já se sabia que havia de ser assim. Foi, até, por causa disso, que se povoou a nossa aldeia de perús. E' a música. A música es-

tridente dos assobios e dos grágás. As pobres aves não têm mãos a medir. São cem rapazes a provocá-las, desde manhã à noite, todos os dias; e elas a todos dão trôco. Rapaz que passa para a sua obrigação, é assobiadela certa. Eles gostam. Os perús gostam. E eu também.

Os nossos ferreiros andam presentemente ocupados a colocar uma porta de ferro na casôta do *Marão* e do *Nero*.

A de madeira, obra dos carpinteiros, provou insufficiente. Os cães roeram as tábuas, de posantes! Eu queria dizer o que tem sido aqui a nossa vida, com os dois cães à solta, enquanto os ferreiros colocam a porta. Queriam, sim, mas que é da palavra? Nós já temos tanta fama de desordeiro! Que cada um veja o panorama a seu modo. Os educadores, que façam semblante feio. Os desordeiros, que batam palmas.

HOUVE hoje um barulho furioso no refeitório, ao jantar. Foi na mesa dos mais pequeninos. Foi o *Formiga* e o *Linhas*. Foi por causa de uma colher. Foi assim: O *Formiga* tinha colher e o *Linhas* não. Vai o *Formiga* e tira o *Linhas*. Vai o *Linhas* e tira o *Formiga*. Vão os dois e saem da mesa e pegam-se. Engadelham. Eu vi e deixei. São da mesma idade. Batem-se pela mesma causa. Não é nada da minha conta.

De resto, de onde procedem a maior parte das rixas, senão da colher, - da *colhersinha*? Vamos examinar um por um os processos e as sentenças. Lá está a colher!

Estas questões são as piores, porquanto, cada uma das partes se afigura estar na razão. Foi assim com o *Linhas* mai-lo *Formiga*. E' assim com todos. Porquê? Porque são vistas e medidas com os olhos da carne. A carne é que cega. A carne não vê. Aonde o homem espiritual, aí a ausência destas questões.

Querem-nos levar a colher? Pois que levem também o prato! Já de uma vez me levaram as *colheres* todas de uma casa que eu tinha. Todas. Ficaram as paredes nuas. Pois bem. No dia seguinte, estava a casa cheia de *colheres*! Mundo incrédulo. Mundo carnal. Mundo supersticioso. Mundo perdido. Põe aqui os teus olhos.

O *Periquito* andava me aqui a matar o bicho do ouvido para me fazer a barba. *Ande, que eu já sei.* Não era bem bem a barba que ele me queria fazer. Era mas era que eu lhe desse um par de sapatos.

Fui fazer a barba. Entramos ambos na casa de banho. Sentei-me num mócho. Ele puxa pela ferramenta. *Esteja quietinho!* Eu não tugia nem mugia. Começa a rapar. Primeiro a face. Agora vem os queixos. *Esteja quietinho.* A seguir, o sitio do bigode. *Quietinho!* Eu nem sequer pestenejava, de medo. *Pronto. O pior já passou!* Estava a barba feita. Não houve sangue. Vou dar um par de sapatos ao *Periquito*.

AGORA é que é leite! Desde que os rapazes tomaram o gôsto à borôa com manteiga, nas merendas, - eles erva, eles palha, eles farinha - tudo quanto apanham que sirva para comer, vão botar às vacas! O *Poeta* passa toda a manhã a desnatar e a bater. Metade da nata fica para fazer as merendas dos doentes e dos miuditos, com leite desnataado. As vacas, agora, são outras. São mais fornosas. Já o eram no tempo do leite. Porém, com a nata - oh beleza!

ONTEM apareceu aqui um miudo. Trazia o rôsto macerado. Era a hora do jantar. O pequeno entra. Senta-se à mesa. Come sopa. Vem o prato e não lhe toca. De onde estava vi. Levantei-me e fui até ele.

- Não comes? - Não posso! - De onde és?

- Sou do Porto. - Aonde moras? - Por lá. - Tens Pai? - Não senhor. - E Mãe? - Também não!

Aquele *tambem* fez-me doer. Poderá ter dito somente *não tenho*. Mas quiz dizer ao mundo a desgraça total: *tambem não tenho Mãe.*

Momentos antes estivera aqui um carro como nunca cá veio nenhum. Oxalá este não tivesse vindo! Que outros assim não venham!

Tenho medo. Tenho medo do luxo provocador. Como não, se ele é o pai e a mãe da Miséria! Um santuário de Pobreza, não deve ser profanado.

O dono, foi trazido aqui por um senhor de boa vontade, no intuito de vêr se ele, o dono, via a obra, como ao depois vim a saber. Não viu. Não quiz vêr. Não podia vêr. Se fôsem bolotas...

Vamos embora depressa, que esta gente estraga-me o carro Ouvi eu de onde estava, sem ainda ter descoberto, como o senhor fôra aqui trazido. O carro desandou na curva da nossa avenida. Dentro ia o dono. Era senhor já entrado, triste, aborrecido, desinteressado: *vamos, que nos riscam o carro!* Tive pena. Tenho pena desta sorte de senhores.

Morrem sem gostar. Sem compreender. Sem amar.

Tambem não tenho Mãe! Nunca ouviram este soluço do orfão. Se ouviram algum dia, não pararam no caminho a escutar. Infelizes!

OLHE dois. Era o *Periquito* a mostrar dois ovos. São da minha *garnizé*. Quando ela chocar vou botá-la. Todo o semblante do rapaz era um riso de alegria. Eu é que não ando nada contente, pelos sarilhos que antevejo. A *garnizé* do *Periquito* botada, toda a gente a querer mexer. *Periquito* a não querer que ninguém mexa.

O Chefe foi à feira das Paredes os socos. Trouxe 18 pares. Tirou de vespera medidas com um vime, levou os vimes prá feira e trouxe a mercadoria. Também comprou uns para ele, à sua conta. Ele ganha.

Que algum dos contemplados venha a perder os socos, que o chefe dá-lhe o arroz! Assim o disse ele, publicamente, ós dos socos. Vamos a vêr.

HOJE, ao jantar, foi um prato de que os rapazes gostam. Eles teem, como todos os mortais, as suas predilecções.

Quando assim é, tanto vale impor silencio como estar calado. Nem chefe, nem professores, nem eu, nem a *senhora* nem senhor Joaquim, nem ninguém. Enquanto não passar a furia, eles não se calam!

Outra coisa que também muito depõe contra aquela ordem que se espera e devia existir em uma casa de educação, é o olio. O olio de figados de bacalhau. Quando ele aparece, tudo torce o nariz e resmunga, e diz que já tomou e o mais que se ouve. Porém, como ontem aparecesse o enfermeiro a distribuir um tal xarope para uns tais recomendados pelo médico, levanta-se a malta em côro, de braço estendido, e na ponta do braço estão, e na ponta desta os dedos, e na ponta destes a colher: *senhor Aloisio, senhor Aloisio, oh senhor Aloisio, - olhe eu!*

O Gari foi o Porto aviar recados. Trouxe do *Depósito* uma data de coisas, entre elas uma caixa de brinquedos, cães magnéticos. Chegou à noitinha. Fez entrega e seguiu para os seus trabalhos. Ele é do refeitório. Eram muito horas de pôr as mesas. Retirou-se.

Dai a pouco, vem o *Pastelão* chamar prá ceia. Eu estava a ver as habilidades dos cães magnéticos. Dei dois ó *Pastelão*. Fomos prá mesa. Eu e os outros *senhores*. E' a mesa dos *senhores*. *Pastelão* demora com a terrina.

- O' Pastelão. - Já vou. - Que demora é essa? - São os cães.

Pastelão, coloca a terrina sobre a mesa dos senhores e sem ligar nada a eles, *ós senhores*, começa, entusiasmado, a ligar tudo ós cães.

Olhe pra isto. O cão preto é o mais assanhado! E fá-los dançar. Ali mesmo, nas barbas do senhor director, o *Pastelão* acirra os cães: *- olhe os gajos!*

Ora isto não se tolera! Mas há mais. Coisa mais grave. No dia seguinte, estava eu no meu escritório dado ós trabalhos de escrever o importantissimo quinzenal, quando um dos cozinheiros surge.

- Que é que tu queres? - Uns cãesinhos!

Um cozinheiro! Um responsável pela comida a tempo e horas, *pedesinhos* para brincar! Pois meus senhores; é responsável e apresenta a comida. Aqui é que está o prodigio, como alguns dirão, e a coisa mais natural do mundo, como eu lhe chamo. O rapaz vai fazer 16 anos. E' rapaz.

Quero. Gosto que ele se apresente como tal. As coisas feitas ao sabor da natureza, teem, por isso mesmo, o sabor da verdade.



Ladrões? Não senhor. Ladrões não. Sê-lo-iam, sim, e pode muito bem acontecer que um dia o venham a ser. Deus cria o homem livre. Mas por ora não. São trabalhadores a tirar fitas de carpinteiro de uma das casas em construção.